

Educomunicação na prática: reflexões sobre a educação para as mídias nas escolas

Edna Maíle Viana Araújo Rocha
Antonio Nolberto de Oliveira Xavier

Na contemporaneidade, os livros não são mais o único meio de aprendizado para as crianças e os jovens, pois estes buscam o conhecimento também por meio de plataformas virtuais. Essa nova concepção de aprendizado chama atenção para uma nova realidade nas escolas, a inserção da educomunicação.

Compreendendo que a prática da educomunicação não implica apenas no uso das tecnológicas informacionais e comunicacionais em sala de aula, mas que esta abrange a leitura, a interpretação, a análise e a criação de produtos audiovisuais, é importante questionar: Será que os recursos comunicacionais e informacionais são utilizados de forma adequada como método pedagógico nas escolas?

Visando a uma melhor compreensão do cenário educacional e mediante a necessidade de se ter um contato mais próximo com a realidade regional,

realizou-se uma pesquisa de campo na cidade de Itabuna/Ba, para saber quais escolas e como elas utilizam a educomunicação em sala de aula.

Para fim de equiparação tornou-se mais interessante a seleção de três instituições: uma da rede pública municipal, outra da rede pública estadual, e uma da rede privada de ensino, que trabalhassem com o Ensino Fundamental II (6º ano ao 9º ano). A fim de não expor as escolas, optou-se por não revelar os nomes das instituições que serão identificadas pelos seus entes responsáveis: Municipal, Estadual e Particular.

Além da escolha das instituições, também foram definidos um professor de cada instituição, a partir da disponibilidade dos docentes que usam as tecnologias em seu planejamento pedagógico. Para a concretização da pesquisa de campo, foram utilizadas a observação e a entrevista informal, para colher dados respondendo à questão acerca do uso da comunicação e suas tecnologias na educação.

Ao discutir e analisar as observações das aulas das escolas municipal, estadual e particular, participantes desta pesquisa, é importante primeiramente trazer o conceito dos âmbitos do agir educacional. Segundo Soares (2011), estas áreas de intervenção das práticas educacionais são: a educação para comunicação; a expressão comunicativa através das artes; a mediação tecnológica nos espaços educativos; a pedagogia da comunicação; a gestão da comunicação nos espaços educativos; e a reflexão epistemológica, da própria prática em questão. São estes aspectos que serão o fundamento das análises e discussões que se seguem.

A educação para a comunicação nas escolas

A educação para comunicação está voltada para a compreensão do fenômeno da comunicação, seu lugar e impacto na sociedade. Assim, nessa pesquisa foi possível constatar que é dada pouca ou nenhuma importância para este fenômeno pela comunidade de educadores que, em sua maioria, não se envolve com a comunicação e suas tecnologias em sua prática educativa. Este cenário pode ser observado nas três escolas estudadas, pois nelas foram encontrados poucos professores que trabalhavam com a prática educacional.

Na escola particular, por exemplo, ao perguntar à educadora participante da pesquisa sobre sua capacitação em uso de mídia na escola, a mesma afirmou que a escola nunca ofereceu uma capacitação voltada para este tema e que “todo conhecimento de mídia que ela tem” foi obtido através de cursos *online*, oferecidos pelo estado, pois também atua como educadora em uma escola pública estatual.

Ao sugerirmos à coordenação da escola uma possível capacitação em uso das mídias para os professores, fomos informados de que seria ofertada uma capacitação por meio de uma editora parceira da instituição, mas ela não seria de iniciativa direta da escola. Os métodos de educação para a comunicação citados não trazem o conhecimento crucial que os professores precisam ter sobre as mídias para que estas possam ser utilizadas adequadamente em aula. Isto porque este processo de alfabetização midiática não envolve apenas o manusear de equipamentos, mas, além disso, implica no conhecimento prático da educomunicação para sua aplicação pedagógica na escola.

Com isso, podemos concluir que a falta de uma capacitação adequada é um dos fatores que influem diretamente na pouca qualidade da prática pedagógica ligada ao uso das mídias, pois para convergir conhecimentos da educação e comunicação é necessário compreender não apenas uma das áreas do conhecimento, mas saber sobre ambas.

Para Afonso Martín,

A educação formal não pode permanecer alheia a mudanças tão significativas na criação, gestão, distribuição e recepção da informação. Os profissionais da educação são obrigados a refletir constantemente sobre as implicações educativas que os desenvolvimentos tecnológicos trazem para a sociedade em geral, e para os ambientes educativos, de um modo particular (MARTÍN, 2014, p. 187)

Assim, vemos que as tecnologias já são parte do cotidiano dos educandos que consomem informações, quase que instantaneamente, em diversos espaços sociais, por isso a necessidade de tornar os profissionais da educação também

alfabetizados midiaticamente. Essa é uma forma de evitar que os meios se transformem em fins, e que o uso das tecnologias seja apenas instrumental.

Segundo Soares (2011), os conteúdos específicos dessa área devem abranger a compreensão e o uso dos sistemas simbólicos, e das diferentes linguagens; a capacidade para o confronto de opiniões e de pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas; o entendimento dos princípios que regem as tecnologias da comunicação e da informações; o conhecimento sobre o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e da vida social e, por fim, a aplicação das tecnologias da comunicação e informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a vida.

Logo, percebe-se a amplitude dos aspectos que envolvem a utilização pedagógica das tecnologias da informação e comunicação em sala de aula; por isso é necessário que o docente, para além de sua área de ensino, também tenha o conhecimento sobre a área da comunicação, tornando-se indispensável uma capacitação apropriada para o uso pedagógico das mídias nas escolas.

A expressão comunicativa através das artes nas escolas

A expressão comunicativa através das artes é um agir educacional que propõe o fazer dos estudantes com o objetivo de expandir seu potencial criativo e emancipador para com os meios de comunicação; isto envolve também produções coletivas, porém com performance individual. Nesta pesquisa, ao observar as aulas das instituições municipal, estadual e particular, pudemos verificar que apenas a escola municipal utilizou a expressão comunicativa através das artes, como método pedagógico. Esta ação foi constatada através de produções videográficas voltadas para um tema social, como produção de telejornais gravados em celular pelos próprios estudantes, gravações de poesias recitadas, criação de vídeos de receitas, entre outros. De acordo com a educadora, a implementação desses recursos pedagógicos exige um tempo maior de execução e prazo de entrega; isto se torna necessário para que os estudantes executem as propostas apresentadas por ela de modo hábil e eficaz.

Na integração das tecnologias aos processos, estas primeiras não são consideradas apenas em sua dimensão técnica. Representam um campo de tensões sociais proveniente das diversas formas de acesso e apropriação dos meios de comunicação. Por esse motivo, além de refletirmos sobre as maneiras como cada indivíduo se relaciona com os aparelhos e mecanismos técnicos, devemos também levar em consideração as particularidades provenientes das diferentes formas de inserção social, econômica, política e cultural (ROCHA, 2012, p. 31).

Percebemos, assim, a importância de o educador adaptar-se ao contexto do seu local de ensino, visto que nem todas as realidades compreendem o uso das mídias do mesmo modo. Para a docente desta escola, o processo de produção dos trabalhos é tão importante quanto os resultados; dessa forma são avaliados, além dos resultados, o esforço, a dedicação e proatividade do aluno para com o que lhe foi solicitado.

Apesar de a docente não possuir conhecimentos técnicos ou de linguagens para vídeo, ainda assim, foram solicitadas atividades videográficas acreditando no potencial criativo dos estudantes que realizaram suas produções de acordo com os conhecimentos técnicos e de linguagem que possuíam. Isto possibilitou que através da arte eles expressassem seu conhecimento na disciplina, como também em produção audiovisual.

Se nossa ação educativa aspira a que os estudantes tenham uma real apropriação do conhecimento, teremos maior certeza de consegui-lo se soubermos oferecer-lhes e abrir-lhes instâncias de comunicação. Educar é envolver-se e participar de uma rede de múltiplas interações comunicativas (KAPLÚN, 2014, p.72).

Assim, uma ação educativa com a finalidade de concretizar o aprendizado proporciona ao educando o poder de comunicação, de expressar seus conhecimentos, de trazer informações não apenas do que foi aprendido nas aulas, como também do que já foi adquirido em outros momentos e em outras instâncias.

Os professores das outras instituições afirmaram que esse método de aprendizagem é melhor aproveitado quando aplicado a estudantes do Ensino Médio, pois, para eles, os estudantes dessa faixa etária “dominam melhor” os dispositivos tecnológicos; por isso não utilizam essa metodologia de aprendizado no Ensino Fundamental. Pudemos perceber uma insegurança dos docentes dessas instituições para com a capacidade criativa das crianças, embora estas, desde muito cedo, vivenciem um contato com as tecnologias informacionais e comunicacionais.

A professora da instituição municipal mostrou que as crianças também são capazes de criar e desenvolver atividades de cunho tecnológico-comunicacional, pois as atividades recomendadas pela mesma foram destinadas a diferentes turmas do Ensino Fundamental II, inclusive ao 7º ano, a crianças com aproximadamente 12 anos, e foram realizadas com êxito. Apesar de os estudantes não possuírem orientações precisas sobre produção audiovisual, e de a docente não ter o conhecimento prático em vídeo, isso não os impediu de, respectivamente, planejar e executar a tarefa audiovisual.

Isso demonstra que, apesar de ser importante que o educador conheça sobre a comunicação audiovisual para que as tarefas sejam realizadas, o que torna essa prática viável é o esforço do educador na busca do envolvimento da comunicação com a educação.

A mediação tecnológica nos espaços educativos

Ao analisar a realidade das escolas, quanto ao acesso às tecnologias informacionais e comunicacionais, percebemos nas instituições municipal e estadual uma limitação quanto ao acesso dos professores aos equipamentos, como também de espaços próprios para a utilização da mídia nas aulas. Na escola municipal, por exemplo, foi detectado que mesmo com a existência de um laboratório de informática, laboratório de rádio e com uma sala com quadro virtual, os mesmos não são utilizados, pois há um sucateamento dos equipamentos que precisam de manutenção e reposição para que esses laboratórios funcionem.

Um exemplo dessa realidade é a existência de um laboratório de rádio que funcionava como uma rádio comunitária, na qual professores, alunos e moni-

tores produziam programas para toda a comunidade, através de uma antena, e para a própria instituição, por meio de um cabeamento que mantinha as seis caixas de som do colégio em funcionamento. Hoje, este laboratório está desativado e os equipamentos todos entulhados à espera de conserto para a reativação da rádio.

Foi relatado por alguns professores que há pouco interesse em utilizar ferramentas comunicacionais e tecnológicas nas aulas, devido à dificuldade de acesso às mesmas na escola, pois, para utilizar esses recursos seria necessário que os docentes dispusessem de seus próprios equipamentos para a realização das aulas. Além disso, afirmaram que a falta de uma capacitação adequada para a utilização da mídia é um fator que contribui para o desestímulo dos docentes. Para Martín-Barbero (2014), é crescente a desvalorização da escola pública.

Esta (a escola pública) se converteu no barômetro mais fiel do modelo de Estado que está se dando em nossos países. Uma vez coagido pelas diretrizes neoliberais, o Estado acha-se dedicado à gestão dos conflitos sociais controlando os riscos da explosividade social produzida pela própria globalização neoliberal, não podendo então projetar minimamente a educação a partir de uma política estratégica, isto é, de longo prazo. O que está convertendo a educação em algo que passou a pertencer à categoria das “cargas” que o Estado deve suportar e não como investimento social (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.123 – 124, grifo do autor).

A partir dessa afirmação, entende-se que há uma debilidade de investimentos na educação pública pelo Estado, portanto, isso reflete diretamente na aquisição e manutenção de recursos tecnológicos, e, conseqüentemente, também nos métodos pedagógicos que se desejam aplicar em sala de aula. Diante desta situação, muitos dos docentes da rede pública deixam de utilizar a mídia em sala de aula, e outros, que têm o interesse de aplicar as tecnologias informacionais e comunicacionais em suas aulas, são compelidos a utilizar seus próprios equipamentos.

Na escola estadual foi relatado que, para a exibição de um vídeo, por exemplo, o docente teria que utilizar recursos tecnológicos próprios, como projetor de vídeo, *notebook*, caixa de som etc. O educador participante desta pesquisa afirmou que o que torna um desafio o uso de mídias em sala de aula é a falta desses recursos na escola e o olhar subsidiário da instituição para com as tecnologias. Prova disso é a proibição do porte de *smartphones*, ou qualquer aparelho tecnológico com câmera fotográfica, pelos estudantes, na escola, sob a argumentação do “mau uso das tecnologias na escola”.

Diferentemente da rede pública, o ensino privado investe mais estrutura e dispositivos tecnológicos. Desse modo, esperava-se que a escola particular analisada dispusesse de laboratórios de informática, salas de vídeo, bibliotecas, espaços que auxiliam na área da comunicação audiovisual, porém, notou-se que esses espaços não estavam presentes na instituição.

Apesar disso, foi observado que alguns dispositivos tecnológicos estavam fixados nas salas, como projetor de vídeo, quadros virtuais, instalação elétrica adequada para o uso de caixas de som, notebooks etc., o que tornaria um pouco mais viável a aplicação da educomunicação nas aulas. Contudo, a proposta de mediação tecnológica na educação não prevê apenas o manejo de aparelhos tecnológicos, mas a criação de projetos para o uso social desses dispositivos.

Dessa forma, na escola particular observou-se não apenas a dificuldade da docente em aplicar pedagogicamente a educomunicação, como também em manusear os artefatos tecnológicos. Um exemplo disso foi a necessidade da presença de um técnico para focar o projetor de vídeo, pois a mesma não sabia como fazê-lo. Também as apresentações dos *slides* foram todas realizadas sem o modo de exibição adequado e sem a exploração dos recursos que o programa oferece.

O manuseio dos equipamentos referentes ao audiovisual, especialmente a sua realização, ainda não são vistos como uma tarefa simples por boa parte dos professores. A imagem ainda sofre um estigma de ser um “texto não confiável” e, por conta disso, continua sendo utilizada prioritariamente como simples “ilustração” do conteúdo (ROCHA, 2012, p. 26, grifo do autor).

Essa visão do professor a respeito das mídias torna-o impotente ao se deparar com recursos que, muitas vezes, não sabe utilizar, seja como recurso físico, seja como recurso pedagógico. Por isso, pelos desafios encontrados nessa tentativa do uso da mídia, muitos não se interessam em aplicar a tecnologia em seus planos de aula.

Portanto, diante desse contexto, foi obtido um resultado diferente do esperado com relação às realidades estruturais e de acesso a dispositivos tecnológicos das instituições públicas e privada. Os professores das escolas públicas demonstraram mais empenho na aplicação de metodologias envolvendo o uso da mídia em aula do que a docente da instituição privada, que utilizou os recursos apenas como instrumentalização nas aulas. Isto não quer dizer que os docentes das escolas públicas atingiram integralmente os objetivos da proposta educacional, mas que estes demonstram esforço e interesse nesse fazer pedagógico e se encontram na busca para melhor aplicar seus métodos em aula.

Desse modo, conclui-se que a falta de acesso às tecnologias na escola não é um empecilho para que a educomunicação seja praticada nas aulas; podem ser encontrados outros caminhos para a sua aplicação. Hoje, grande parte dos estudantes possui acesso às tecnologias, seja por meio da rádio, TV, ou computador que tenha em casa, ou através das *lan-houses*, casa de parentes ou amigos. Essa democratização da informação torna mais viável a solicitação do professor para a criação de projetos que envolvam as tecnologias da informação e comunicação, pois, mesmo que existam estudantes sem acesso a essas tecnologias, eles podem se unir a outros colegas e realizar os projetos em grupo.

A pedagogia da comunicação nas escolas

Com relação ao cotidiano do ensino escolar, a pedagogia da comunicação se apresenta como um processo de interação entre o professor e o estudante que, juntos, trabalham em favor do aprendizado com o auxílio de recursos tecnológicos. Dessa forma, pode-se afirmar que essa interação se fez presente nas observações das aulas das escolas municipal e estadual. Os professores da rede pública exerceram a pedagogia da educação, ao levarem para a sala de aula propostas alternativas aos seus discursos.

No caso da escola municipal, destacou-se o uso do aplicativo *Telegram*, que se caracteriza por realizar trocas de mensagens e é considerado um dos principais concorrentes do *WhatsApp*. Neste aplicativo, os alunos interagem uns com os outros em inglês, trabalhando tanto a escrita quanto a linguagem oral; os estudantes também compartilham, no aplicativo, trabalhos filmados e fotografados. Assim, é oferecido um aprendizado para além de sala de aula, pois o estudante interage com os colegas, professor e com a disciplina, a qualquer momento, requerendo apenas estar conectado para isso.

As crianças e os jovens de hoje não são mais “ociosos”, menos racionais ou intelectuais, como muitos adultos ou professores pensam. As novas gerações estão imersas em relações interativas nas quais integram o conhecimento e contato com os colegas de um modo totalmente distinto ao dos adultos, por esse motivo sua visão da realidade se constrói tecendo os fios ou partes dos fatos e das situações através da navegação da internet (VELASCO, 2014, p.207, grifo do autor).

A partir dessa afirmação, vê-se que os ambientes virtuais são possibilidades a serem exploradas, a fim de contribuir com o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Assim, é válido utilizar-se do potencial das redes sociais como auxiliaadoras no processo de ensino/aprendizagem. Além do uso deste aplicativo, ainda é apropriado destacar a iniciativa da docente em estimular os estudantes a trazerem referências sobre cultura digital e estrangeira para sala de aula, tudo isso através de seus conhecimentos prévios e pesquisas por meio do dicionário e internet, essa ação traduz a interatividade básica entre educador e educando. De outro modo, o docente da escola estadual também trabalhou de forma interativa com seus educandos, pois em todas suas intervenções com o uso de mídia foi proporcionada aos estudantes a participação ativa no processo de reflexão crítica sobre os produtos trabalhados. Isto pode ser observado através do estímulo para que eles expressassem suas impressões a respeito dos vídeos, músicas, entre outros recursos utilizados. Foi oportunizado aos educandos que dissessem suas impressões sobre o que foi visto e ouvido, e posteriormente essas impressões foram discutidas e sistematizadas. Assim, o docente não apenas

exibiu os conteúdos audiovisuais, pois essa atitude reproduziria a um consumo massivo da mídia.

Percebeu-se que os estudantes apresentaram curiosidade e bastante interesse pelos conteúdos apresentados. Riram, cantaram, fizeram perguntas, demonstraram se envolver com o que lhes havia sido mostrado.

O audiovisual e, em especial o cinema educativo, pode realmente ser um instrumento valioso para o estudante aprimorar sua capacidade de ver e compreender diferentes interpretações da realidade, além do próprio autoconhecimento, desde que seja trabalhado com dosagem e reflexões adequadas (ROCHA, 2012, p. 54).

Entendemos como válida a interação criada entre o educador, os educandos e os recursos tecnológicos, pois o cruzamento entre as diversas linguagens trabalhadas, como a falada, a escrita e o audiovisual, possibilitou um diálogo aberto. Desta maneira, não houve apenas o ensino por parte do professor, mas também o aprendizado junto com estudantes. Isso é o que Paulo Freire (2005) traz como conceito de educação dialógica, uma relação que permita o crescimento e aproximação entre educador e educando.

Já na escola particular, a partir das observações, constatou-se um padrão no uso das tecnologias pela docente, que consistia em proporcionar para os estudantes momentos de descontração através da música. Um exemplo disso foi quando a docente comunicou que, depois de todos relaxarem com as músicas, se iniciaria a “parte séria” da aula. Outra postura também observada foi uso do *slide* como substituto do quadro branco. Esta constatação é reforçada por relatos da própria docente, afirmando que esta prática era recorrente em várias turmas, nas aulas ministradas por ela.

Desse modo, não houve uma prática pedagógica para o uso da mídia em sala de aula, pois executar videoclipes e canções em sala de aula não alcança um propósito pedagógico.

Um ambiente escolar educ comunicativo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus construtores pela abertura à participação (direção-docentes-estudantes), mas, simultaneamente um efetivo diá-

logo sobre as práticas educativas (interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pedagogia de projetos), elementos que conformam a “pedagogia da comunicação” (SOARES, 2011, p.44, grifo do autor).

Portanto, para que a ação educacional refletisse no fazer pedagógico da docente fazia-se indispensável que o uso da música fosse coadjuvante ao ensino da disciplina. Isto poderia ocorrer por meio da expressão comunicativa, ou da apreciação significativa do produto – análise, interpretação e aplicação para o ensino da disciplina lecionada –, como se fazia válida também a observação da música enquanto produto cultural e histórico, entre outras possibilidades pedagógicas.

Reflexões finais

Considerando as experiências vividas através do acompanhamento das práticas pedagógicas com o uso da mídia em sala de aula, a instituição que mais se aproximou da proposta educacional foi a escola municipal. Apesar de nesta instituição não haver tantos recursos ou estrutura para agregar este tipo de metodologia, percebeu-se o interesse e a iniciativa da docente participante da pesquisa em levar o diferencial para a instituição. Para Soares, “é importante salientar que a simples movimentação da estrutura de uma rede escolar ou de uma escola em direção aos parâmetros educacionais – através de pedagogia de projetos – já constitui um imenso progresso” (SOARES, 2011, p. 40).

É certo que ainda são necessários muitos ajustes para que a prática educacional seja plena em suas aulas, mas incentivar os alunos na criação de produtos audiovisuais, preocupar-se com uma mediação tecnológica conjuntamente com a prática pedagógica, possibilitar um diálogo e interação juntamente com os educandos, gerir uma comunicação com planejamento e execução certamente reflete o caminho que se deve percorrer em direção ao verdadeiro saber.

Na escola estadual também foi possível notar o esforço do docente em tornar o ensino de sua disciplina mais democrático. Considerando os conhecimentos prévios e experiências dos estudantes, viu-se uma interação entre educador e educando no processo de aprendizado em sala de aula; este é um aspecto imprescindível para uma ação educacional. Isto porque,

toda educação individualista, marcada pela competitividade, não faz mais que classificar pessoas, naturalizando e legitimando ecossistemas comunicativos rígidos contra quais os jovens se revoltam, promovendo o que costumeiramente se define como indisciplina (SOARES, 2011, p.45).

Portanto, a verdadeira disciplina está na interação do educando com o que lhe está sendo apresentado. Apesar de tantos desafios observados para utilizar os recursos tecnológicos em sala aula, como falta de tomadas nas salas, a necessidade de carregar os equipamentos de uma sala para a outra, a compra de dispositivos para auxiliar nas aulas, ainda assim o docente persistiu em seguir com o que constava em seu plano pedagógico.

Já na escola privada notou-se que, apesar de todas as possibilidades estruturais, como também de fácil acesso a dispositivos tecnológicos, foi demonstrado quase nenhum interesse para o uso das mídias em sala de aula. Isto não ocorre somente por parte da docente que participou da pesquisa; observa-se esse descuido também por parte da direção e coordenação da escola que ainda não se atentou para a importância desse recurso como auxiliar do processo de ensino/aprendizagem. Soares ainda acrescenta que “[...] a didática mais tradicional tem muito a se beneficiar de procedimentos que motivem à aprendizagem. E isso a educomunicação garante!” (SOARES, 2011, p.46).

Dessa forma, observa-se que a instituição escolar tem muito a explorar da pedagogia educacional, mas, para isso, é necessário que seja aberto um espaço de discussões sobre esta temática com os gestores da mesma. A relação entre Comunicação e Educação está presente na escola, porém a prática não segue, de um modo preciso, as propostas da educomunicação.

Sendo o propósito desta pesquisa investigar a prática da educomunicação nas escolas de Ensino Fundamental II, e como esta é aplicada, escolheu-se o estudo de campo como método para responder à problemática inicialmente apresentada: Será que os recursos comunicacionais e informacionais são utilizados de forma adequada como método pedagógico nas escolas? Nesse contexto, as escolas da rede pública de ensino foram as que se destacaram com relação às práticas pedagógicas educacionais.

Nas escolas públicas os professores demonstraram maior empenho ao trazer a comunicação informacional e comunicacional em sala de aula, apesar de não terem os dispositivos necessários e capacitação adequada para isso. Assim, observando-se principalmente os estudantes da escola municipal, pode-se cogitar que talvez o motivo para este maior desempenho dos professores seja a necessidade de trazer para crianças e jovens um olhar mais prazeroso, com relação à escola, visto que são grandes os desafios para esses estudantes que, em sua maioria, vivem em condições socioeconômicas adversas.

A princípio, a observação de apenas três aulas dos docentes de cada instituição e algumas visitas exploratórias trouxe uma visão ainda limitada da realidade. Por outro lado, essas observações foram suficientes para diagnosticar como ocorre a relação entre professor e o universo comunicacional. Em suma, diante da quantidade de educadores que trabalham com a educomunicação e do nível de interesse das instituições pela temática, pode-se afirmar que muitas escolas ainda resistem à implantação de novos modelos de ensino.

Assim, tudo o que foi explicitado aponta um desafio quanto à mudança do contexto inseguro que as instituições demonstram com relação ao uso das mídias nas aulas. Acredita-se que há um longo caminho a se percorrer para que a educomunicação se efetive como prática pedagógica nas escolas, pois há muito que se investir não somente em infraestrutura e capacitações, mas em planejamento nas instituições. Todavia, não se podem ignorar os educadores que buscam fazer a diferença, mesmo sem os aportes necessários.

Desse modo, o estudo de campo desta pesquisa mostrou que a utilização de tecnologias nas aulas em si, não concretiza a prática pedagógica da educomunicação. Para que esta seja efetivada, é necessária a mediação do professor como gestor do processo de ensino/aprendizagem, o qual envolve a interpretação, análise, como também a produção de audiovisuais, proporcionadas pelos educadores aos educandos. Com essa ação pedagógica, o uso das tecnologias em sala de aula não será apenas instrumental, mas se confirmará como uma ferramenta de ensino e aprendizagem.

Referências

- CONTIN, Ailton Alex; PINTO, Rosângela de Oliveira. *Educação e tecnologias*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- KAPLÚN, Mario. Uma pedagogia da comunicação. In: APARICI, Roberto. (org.). *Educomunicação: para além do 2.0*. Trad. Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 59 – 78.
- MARTÍN, Alfonso Gutiérrez. Criação multimídia e alfabetização na era digital. In: APARICI, Roberto. (org.). *Educomunicação: para além do 2.0*. Trad. Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 187 – 201.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. Trad. Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.
- ROCHA, Adriano Medeiros da. *Videorelações: o audiovisual na construção da nova escola*. Ouro Preto: UFOP, 2012.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção educomunicação).
- _____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Comunicação & Educação*, nº. 20, São Paulo, jan – abr 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/37012/39734>>. Acesso em: 14 mai 2017. p. 16 – 25.
- VELASCO, María Teresa Quiroz. Educar em outros tempos: o valor da comunicação. In: APARICI, Roberto. (org.). *Educomunicação: para além do 2.0*. Trad. Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 203 – 220.

Sobre os autores

Edna Maíle Viana Araújo Rocha é Bacharela em Comunicação Social – Rádio e TV, pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, de Ilhéus/BA. Defendeu o Trabalho Monográfico intitulado “A Educomunicação como prática pedagógica escolar”, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Nolberto de Oliveira Xavier, para o qual desenvolveu pesquisa de campo, investigando os fazeres de docentes que indicam a utilização de uso das mídias em sala de aula.

Antonio Nolberto de Oliveira Xavier é Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP; Mestre em Ciências da Comunicação – Ênfase em Semiótica – pela UNINSINOS; Especialista em Administração e Planejamento para Docentes pela ULBRA/Canoas; Graduado em Filosofia – Licenciatura Plena – pela UNISINOS. Atualmente é Professor Adjunto e Coordenador do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC, de Ilhéus/BA. Tem experiência na área de Comunicação, em nível de Graduação e em cursos das áreas da Comunicação e da Educação, em nível de Pós-Graduação Lato Sensu, atuando principalmente com as seguintes temáticas: mídia, cultura popular, manifestações folclóricas, estudos de recepção, semiótica, folkcomunicação e educomunicação. (xavierfolk@hotmail.com).